

# Clima em 16 OUT 1985 46 era de confronto

Lustosa da Costa

A Assembleia Nacional Constituinte de 1946 foi aberta sob violenta confrontação dos ex-servidores do Estado Novo, abrigados no PSD e suas vítimas, alistadas na UDN. A radicalização era tão braba que, uma vez, o ex-diretor se sentiu tão ofendido por discurso que Aliomar Baleeiro (UDN-BA) pronunciava, que voltou ao Palácio Tiradentes, subiu à tribuna e o chamou para resolver "lá fora", que nunca foi homem de enjeitar parada. O deputado Euclides Figueiredo, pai do general João Figueiredo, também provocou muito Getúlio Vargas. Por pouco não chegou a um duelo físico com ele, evitado graças à enérgica intervenção do general Ernesto Dornelles (PTB-RS), avô de Francisco Dornelles.

Depois virou Brasil. Getulistas e anti-getulistas passaram a se conhecer melhor no ônibus, no bonde, nas caronas de automóvel, no café da Câmara, nas boites. Desfizeram preconceitos e se tornaram amigos. O católico Hamilton Nogueira, senador pela UDN do Rio, dava carona para seu adversário. Luiz Carlos Prestes mantinha as melhores relações com Ivo Aquino que teria papel tão importante no fechamento do partido Comunista. Raul Pilla, do PL, elogiava a postura e a seriedade de alguns getulistas, na elaboração da nova Carta.

Nereu Ramos e Octávio Mangabeira foram as personalidades de maior destaque na Assembleia Constituinte de 1946, na opinião de cinco de seus integrantes que, 40 anos depois, ainda se encontram na vida pública. E, que nesse tempo, tiveram destino tão diferente, daqueles dias para os de hoje. Seguramente, só Luiz Viana Filho, chefe do gabinete do marechal Castello Branco em 1964 e, posteriormente, designado por ela para governar a Bahia, estará votando uma nova Constituição, a partir de 1987.

Amaral Peixoto, genro de Getúlio Vargas, presidente do PSD até sua extinção pelo Ato Institucional n.º 2 em 1965, atual presidente do PDS, não mais pretende disputar mandatos.

Em 1946 éramos 14 deputados e 1 senador em uma Assembleia de mais de 300 e conseguimos muito pouco". Assim Prestes explica porque não pretende se candidatar. O mais moço Constituinte de 1946, o atual Ministro da Administração, Aloísio Alves, tanto pode disputar um lugar na próxima Constituinte quanto o retorno ao governo do Rio Grande do Norte.

Ex-presidente da UDN, o deputado Ernani Satyro (PDS-PB) também não pretende mais disputar mandatos eletivos.

Plenário

Ao contrário dos dias de hoje, o plenário do Palácio Tiradentes estava sempre cheio. Era ali que os deputados liam e respondiam a cartas e telegramas recebidos. Não havia secretarias nem gabinetes. Atendiam aos eleitores, nos corredores. Ou no café onde havia, no máximo, 20 mesas para parlamentares, funcionários e jornalistas credenciados, segundo recorda Amaral Peixoto.

"O plenário vivia cheio. Não havia onde ficar", afirma o senador fluminense. "A Câmara tinha de 4 a 5 automóveis. Dois médicos, no seu Pronto Socorro, para atender a casos de perna quebrada ou de enfarte".

Conta ainda Amaral Peixoto:

"O primeiro entrevero foi entre o PSD, que era composto de ex-interventores do Estado Novo, e dos que os haviam combatido, nos Estados. Inicialmente houve o encontro de contas regionais. Depois disso, aconteceram desordens de rua, quebra-quebra, por causa da alta do custo de vida e da falta de pão. Certa vez, Aliomar Baleeiro disse da tribuna: "O culpado disso tudo é aquele senador baixinho que passa por aqui e vai sentar lá no canto. É o culpado de todas essas coisas". Alguém telefonou para Getúlio Vargas que estava em casa. Ele voltou ao Tiradentes e solicitou ao presidente em questão de ordem. Proclamou-se disposto a colaborar com a Casa e se defender do que fosse acusado. Quando a ofensa fosse de cunho pessoal, responderia à altura, não no plenário, mas lá fora, em qualquer lugar. Estava às ordens. Por causa disso, houve também um atrito entre o general Euclides Figueiredo e Ernesto Dornelles".

ANC 88  
Pasta 10/85-1  
131/1985